

FACULDADE SANTA RITA – FASAR
CURSO DE PEDAGOGIA

**A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A
INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS**

Iara Aparecida Pereira de Macedo
Larissa Estefani Rodrigues

Novo Horizonte-SP

2018

FACULDADE SANTA RITA – FASAR
CURSO DE PEDAGOGIA

Iara Aparecida Pereira de Macedo

Larissa Estefani Rodrigues

**A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A
INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS**

Artigo científico apresentado à Faculdade Santa Rita como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Prof^aMa. Maraísa Fonseca Machado Pires.

Novo Horizonte

2018

MEMBROS DA BANCA DE DEFESA DO TRABALHO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DAS
ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

IARA APARECIDA PEREIRA DE MACEDO

LARISSA ESTEFANI RODRIGUES

APRESENTADA À FACULDADE SANTA RITA, EM 18 DE DEZEMBRO DE 2018.

BANCA DE DEFESA:

Prof.^a Ma. Orientadora – Maraísa Fonseca Machado

FACULDADE SANTA RITA

Prof.^a Ma. Anita Gombrade Pereira

FACULDADE SANTA RITA

Prof.^a Esp. Andreza Santoro Roque

FACULDADE SANTA RITA

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento com múltiplas alterações, caracterizado por prejuízos nas áreas de interação social, comunicação e comportamento. Existem leis que regem a inclusão e os direitos destes alunos, para que assim possam ser inseridos na educação regular. A inclusão escolar para esta e outras deficiências é obrigatória, sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar a formação e atuação do professor no processo de inclusão escolar com aluno autista. Metodologia: Foi utilizado como instrumento metodológico uma entrevista semiestruturada com 14 questões abertas, por meio de uma pesquisa exploratória e qualitativa, sendo os participantes duas professoras, P1 de uma escola pública, e a P2 de uma escola particular. Para análise dos dados, a entrevista foi separada em quatro categorias: experiência docente, prática dos docentes, capacitação e formação dos profissionais e concepção do autismo. Os resultados mostram que as professoras entrevistadas têm pouco tempo de experiência com alunos autistas, mas realizam as adaptações sempre que necessárias, tanto com relação aos conteúdos, materiais e avaliação. Apesar de terem alguns cursos disponíveis relatam não ter uma formação adequada para lidar com os alunos inclusos, mas, ambas estão sempre se atualizando para que os alunos tenham uma melhor aprendizagem. Conclui-se que é necessário que os professores tenham uma formação adequada e especializada, com novos métodos educacionais, para que façam com que a inclusão realmente aconteça.

Palavras – chave: Autismo, inclusão, práticas pedagógicas, formação do professor.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a development disorder with multiple alterations, characterized as damaging to social interaction, communication and behavior. There are laws that regulate the inclusion and the rights of these students, so that they can be part of regular education. School inclusion is mandatory for this disability among others, thus, the present essay has the goal to investigate the formation and role of teachers in the process of school inclusion regarding autistic students. Methodology: A semi-structured interview was used as a methodological instrument composed of 14 open questions, through exploratory and qualitative research, the participants being two female teachers, P1 being a public school teacher, and P2, a private school teacher. As for data analysis, the interview was separated in four categories: faculty experience, faculty practice, professional training and qualification and autism conception. Results showed that both teachers have little experience with autistic students, but do perform the necessary adaptations regarding contents, materials and evaluation. Despite having a few available courses, they claim they do not have enough qualification to deal with included students yet, but both teachers are often seeking to improve their qualification in order to provide their students with better learning methods. It can be concluded that it is necessary that teachers have suitable and specialized qualification, with new educational methods, in order to make inclusion a reality in schools.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, inclusion, pedagogical practices, teacher preparation.

1- INTRODUÇÃO

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento com múltiplas alterações como a área de comunicação, interação social, aprendizagem e capacidade de adaptação (MELLO, 2007).

A nomenclatura autismo vem de origem grega, que retrata “próprio” ou “de si mesmo” usada para nomear a conduta de pessoas que são voltadas somente para si (BARBOSA, et al. 2013).

O autismo pode manifestar-se desde os primeiros dias de vida podendo apresentar um comportamento excessivamente calmo e sonolento ou chorar sem consolo durante prolongados períodos rejeitando o colo e aconchego (MELLO, 2007).

O termo autismo surgiu inicialmente com o psiquiatra Eugen Bleuler em 1906, no qual descreve sintomas de esquizofrenia (BARBOSA, et al, 2013).

Leo Kanner, médico austríaco, publicou em 1943 o artigo “Os distúrbios autísticos do contato afetivo” no qual descreve o caso de onze crianças com quadro de autismo severo, realizando assim importantes estudos relacionados ao distúrbio (MELLO, 2017).

A partir dos anos de 1980, o autismo passa a ser classificado de acordo com o DSM IV (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais), da Associação Psiquiátrica Americana (APA, 1994) e CID 10 da Organização mundial de saúde como transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), no qual passa a ser classificado como Transtorno autista, transtorno de Rett, Transtorno desintegrativo da Infância, Transtorno de asperger e transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Atualmente, o DSM -5 publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) traz como nomenclatura o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e apresenta como critérios diagnósticos prejuízo na comunicação social, na interação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos (APA, 2014). O manual traz que a utilização da palavra espectro se deve ao fato de ocorrer a manifestação do transtorno dependendo da gravidade, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica.

Neste contexto, o TEA pode ser classificado quanto ao nível de gravidade, nível 1, nível 2 e nível 3, sendo este último exigindo apoio muito substancial (APA, 2014).

As características são muito abrangentes, e afetam os indivíduos em diferentes graus, tanto na área de interação social, quanto na comunicação e comportamento, principalmente na repetição de movimentos, balançar o corpo, ecolalia entre outros. Por essa razão a criança tem dificuldades em estabelecer relações com outras pessoas, o que as deixam isoladas no convívio em sociedade. (LEMOS; SALOMÃO; AGRIPINO-RAMOS, 2014)

No ano de 2012, foi aprovada no Congresso Nacional a lei Nº 12.764 – Lei Berenice Piana, no qual elimina toda e qualquer forma de discriminação, proporcionando igualdade de oportunidades para todas as crianças autistas. (BRASIL, 2012).

A inclusão desses alunos em salas regulares de ensino acaba deixando os profissionais um tanto quanto frustrados, por não estarem preparados para recebê-los, porém todos os alunos têm direito a inclusão, o que faz com que cada vez mais um número maior de alunos especiais esteja em escolas regulares. (MATOS; MENDES, 2014).

Sendo assim, a inclusão dessas crianças com autismo deve existir de forma consciente, capacitando professores e funcionários, para que todos aprendam a conviver, respeitar, e oferecer a mesma qualidade de ensino a todos (BARBOSA, et al, 2013).

Desta forma, na educação inclusiva, a direção da escola deverá fazer adaptações curriculares e reuniões pedagógicas para que desenvolvam formas de melhorias para estes alunos. Oferecendo cursos e treinamentos para os docentes, voltados à inclusão, que possibilita confiança e um melhor preparo, para que a escola possa receber todos os alunos inclusos, em especial o aluno autista (SANT'ANA, 2005).

A inclusão está diretamente relacionada ao processo de ensino-aprendizagem, não basta só incluir é necessário que a escola ofereça ensino de qualidade e o professor seja mediador, desenvolvendo na criança a autoconfiança e a independência (BARBOSA et al, 2013).

O desenvolvimento de aprendizagem do aluno autista geralmente é lento e gradativo, portanto, cabe ao professor adequar o conteúdo e propor estratégias diferenciadas dividindo as habilidades a serem ensinadas em pequenos passos, facilitando assim o aprendizado do aluno (MARCO, SPALATO, DUARTE, 2013).

2- OBJETIVO

Investigar a formação e atuação do professor no processo de inclusão escolar com aluno autista.

3- METODOLOGIA

Trata – se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, além do levantamento bibliográfico como embasamento teórico e uma entrevista semiestruturada com 14 questões abertas. Foi escolhido este tipo de entrevista para aprofundar sobre o dia a dia destes alunos e dos professores frente as dificuldades com os alunos, pois um questionário deixaria a desejar no aprofundamento das respostas.

Foram selecionadas para participarem da pesquisa uma professora da rede pública de ensino, que será mencionada por P1 e uma professora de uma escola particular a qual será chamada de P2, onde ambas trabalham com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Ouve muita dificuldade em marcar estas entrevistas, pois alguns professores acabaram desistindo, devido aos dias muito corridos ou por algum problema pessoal, os quais sempre negavam a solicitação.

Depois de várias tentativas a terceira professora solicitada para responder a entrevista, foi obtido o respaldo, porém não dentro da escola, já que lá teve várias barreiras. Foi utilizado o final de semana para ir à casa da P1.

Com a P2 foi um pouco mais difícil, pois não conseguíamos falar com ela. Depois de mais de dois meses tentando a entrevista, conseguimos falar com ela e marcamos.

A entrevista foi gravada com o auxílio de um celular smartphone e depois feito a transcrição.

3.1 Termo de consentimento Livre e Esclarecido

Para o resguardo e a privacidade dos participantes foi formulado um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE 1).

3.2 Participantes

Participaram da pesquisa 2 professores que trabalham com alunos autistas. Sendo P1 da rede pública de ensino e P2 de uma escola particular.

3.3 Local

Com a professora P1 foi realizada a entrevista na sua residência, já com a professora P2 foi na escola.

3.4 Procedimento de coleta de dados

Foi realizada uma entrevista semi-estruturadas com 14 questões abertas (APÊNDICE 2). As entrevistas foram gravadas em áudio como forma de registro. Em seguida foram realizadas as transcrições desses áudios.

3.5 Procedimento para análise dos dados

Para realizar e facilitar a análise dos dados, a entrevista foi separada em quatro categorias. Como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1: Categorias de análise

Experiência docente
Prática dos docentes
Capacitação e formação dos profissionais
Concepção do autismo

Fonte: Produção Própria.

4.0 - CATEGORIAS

Para compreender o que foi discutido sobre a inclusão do aluno autista e a percepção dos professores frente ao aluno, faremos uma análise dos dados coletados, referente as entrevistas semiestruturadas realizadas com professoras que lecionam com esses alunos tanto na rede pública regular de ensino, quanto em escola particular.

4.1- Categoria 1 - Experiência Docente

Quadro 2: Experiência Docentes		
	Experiência como professora	Experiência com alunos autistas
P1 – Escola Pública	20 anos	3 anos
P2 – Escola Particular	15 anos	5 anos

Fonte: Produção Própria

Observa-se no quadro que ambas as professoras têm tempo de experiência de docência, porém na prática com alunos autistas, ainda é recente. Desta forma, tanto P1 quanto P2 relatam que embora a inclusão exista a vários anos, ainda é recente nas escolas, por isso é que apresentam pouca experiência.

De acordo com a realidade educacional, a formação do professor não oferece uma base sólida nos aspectos teóricos e práticos da inclusão, gerando uma falta de compreensão acerca das necessidades do aluno autista e conseqüentemente não contribuindo de forma eficaz no desenvolvimento e aprendizagem desse aluno (BARBOSA, et al, 2013).

Para Uchôa (2015), é notável que a inclusão não é vista em qualquer escola, devido à falta de preparo dos professores, pois eles não são preparados quanto deveriam ser para receber estes alunos, o que torna a inclusão ainda muito distante da realidade.

4.2 –Categoria 2 - Prática dos Docentes

Cada professor tem sua forma de trabalhar com os alunos, utilizando estratégias diferenciadas. Quando na sala de aula tem um aluno incluso muitas vezes é necessário repensar nas intervenções. Neste sentido, cada professora relatou sua maneira de transmitir os conhecimentos.

P1: Os conteúdos utilizados na aprendizagem para os demais alunos, são os mesmos utilizados na aprendizagem dos alunos autistas, porém ele necessita de um respaldo maior, sempre estar observando se ele tem alguma dificuldade e o professor auxiliar estar sempre presente ajudando-o, sem fazer as atividades por ele.

P2: De acordo com necessidade do aluno são realizadas adaptações, para que ele consiga acompanhar as atividades, sendo de uma forma diferente, porem atingindo os objetivos.

Observa-se que P1 não realiza muitas modificações, já P2 propõe atividades diferenciadas de acordo com a necessidade no aluno autista.

De acordo com Uchôa(2015), é necessário que haja a mudança para que possa existir a inclusão. Mudança na prática, na linguagem e assumir que as diferenças existem, mas que podem ser positivas para a aprendizagem, se os professores estiverem capacitados e dispostos para trabalhar com esses alunos a inclusão acontece.

O que se pode perceber é que mudando ou não o conteúdo, o professor tem que estar sempre dando um respaldo maior para o aluno autista, pois ele tem dificuldade maior em aprender, mas com o auxílio de um professor que realmente se importe com o aluno, ele é capaz sim de aprender.

Com relação a aprendizagem do aluno, como eles são avaliados na escola as professoras relatam que:

P1: O aluno é levado para uma sala onde tem um professor leitor para auxiliá-lo na leitura, esse professor lê as perguntas, uma a uma fazendo com que o aluno assimile o que está dizendo, para que consiga responder as questões. Mas esse professor não pode interferir nas respostas, ele apenas auxilia na leitura.

P2: Essa avaliação ocorre diariamente, mas também tem a sala separada com o leitor para auxiliá-lo em avaliações finais.

Observa-se que devido à dificuldade de concentração do aluno, ele é levado para uma sala separada, para que ele tenha um desenvolvimento melhor, com a ajuda do leitor, pessoa que lê a prova para ele, para auxiliar na compreensão do que está sendo exigido na pergunta.

Com relação as práticas utilizadas pelas professoras, as respostas foram das mesmas como: utilizar as práticas mais concretas possíveis, sempre utilizando imagens, Datashow, tecnologias, tudo que consiga trazer a atenção do aluno para a aprendizagem.

Se referindo aos materiais utilizados com esses alunos as professoras falaram que:

P1: Diz sempre utilizar os mesmo materiais com os demais alunos, porém o que muda é a forma de como abordar o conteúdo com esse aluno, as explicações são mais amplas, mais concretas o que as

vezes ajuda até aquele aluno com mais dificuldade de aprendizagem e não apenas o autista.

P2: São utilizados folhas de sulfites livres, lápis grosso para um melhor rendimento nas atividades, jogos para o desenvolvimento, incluir cuidados de higiene pessoal, material sensorial com velcro, roupas de várias espessuras, mais grosso e mais fino, para ele identificar pelo toque, sensorial.

Sendo assim, verifica-se que normalmente é necessária uma modificação quando se fala da aprendizagem de um aluno incluso, neste caso autista. Para que eles possam aprender, o professor precisa estar atendo as especificidades de cada um.

Para Borges, A. C.; et. al. (2013) é necessário que os meios, ferramentas e os recursos educacionais sejam modificados para que se tenha uma prática docente inclusiva e que os professores usem estratégias para o desenvolvimento da inclusão.

Muitas vezes, na sala de aula é necessário repensar na rotina determinada para a sala e para esse aluno autista.

P1: Diz não ser necessária essa mudança, apenas fazer algumas adaptações para ele. Mas tudo de acordo com o grau de autismo desse aluno.

P2: É necessária essa mudança na rotina, pois o plano de ensino individualizado, ajuda na adaptação desse aluno. Claro que dependendo do grau: leve, moderado ou severo é necessário a adaptação.

De acordo com o relato das professoras, pelo fato dos seus alunos terem um grau de autismo mais leve, muitas vezes não é necessária uma modificação na rotina escolar.

Mas independente do grau do autismo é importante e necessário um auxiliar junto com esse aluno.

A Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996, acrescentou o Art. 58, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que assegura a presença de cuidador na escola, quando o aluno tem necessidades especiais e que necessite de um cuidador (Brasil, 2010).

P1: Sim, tem o professor auxiliar, que também é formado e que ajuda este aluno em seu desenvolvimento.

P2: Não se tem esse professor, o que deixa a desejar, pois esse professor auxiliar ajudaria muito no desenvolvimento do aluno.

4.3 – Categoria 3 - Capacitação e Formação dos Docentes

Na terceira categoria discutiu-se a capacitação desses e dos demais profissionais da educação, como está sendo a formação, qual o olhar deles para com esses alunos e o que precisa para que cada vez mais exista a inclusão desses alunos.

P1: A Secretaria Estadual da Educação, sempre oferece cursos em sua plataforma para auxiliar os professores, para que estejam capacitados e preparados para receber esses e os demais alunos com suas dificuldades, embora, quando ela teve a oportunidade para esse, não pode fazê-lo, pois estava fazendo outras capacitações, mas mesmo assim, sempre está lendo artigos e pesquisando sobre o assunto, para que esteja preparada para seus alunos.

P2: Sempre busca o que é oferecido pela diretoria de ensino, assiste aos vídeos de videoconferência, pelo CAPS, sempre buscando conhecimentos, pois segundo ela tem que estar sempre buscando melhorias e conhecimentos para seus alunos.

Verifica-se que tanto P1 quanto P2 compreendem a importância de sempre se especializarem em busca de novos conhecimentos sobre o autismo, e que tanto a Secretaria da Estadual da Educação como a diretoria de ensino disponibilizam os cursos favorecendo o aprendizado do professor.

Porém, apesar de terem cursos disponíveis, muitas vezes acaba ficando apenas na teoria e na prática fica a desejar. Neste sentido, as professoras relatam que:

P1: Diz que nunca estaremos totalmente capacitados, porém devemos sempre buscar novos conhecimentos, porque tudo depende do grau de autismo desse aluno, depende do que esse aluno necessita, então, sempre buscar referências, artigos, tudo

relacionado a esse transtorno, para ter cada vez mais conhecimento, e sempre conversar com a família, pois a família presente é melhor para o desenvolvimento do aluno.

P2: Também é necessário buscar e ampliar o conhecimento, porque o professor tem que estar sempre preparado para essa troca, pois o aluno também ensina e isso é uma troca diária de professor/aluno e aluno/professor.

Segundo as professoras, a prática é adquirida no dia-a-dia com a criança e a importância de estar sempre em constante aprendizado.

De acordo com a professora Ambrós (2018), ressalta o quanto é importante os professores estarem capacitados, saberem lidar com o aluno autista, pois cada aluno tem suas diferenças e capacidades. E a instituição de ensino tem que se comprometer em oferecer um ensino de qualidade e melhorias na estrutura, para que assim recebam as crianças e jovens previstos pela legislação com um ensino aprendizagem de qualidade.

A preparação dos profissionais e da escola também é um ponto muito importante para o aluno, em relação a esta questão, ambas as professoras dizem que tanto a escola quanto os professores não são preparados para receber esses alunos, embora a:

P1: Diz que avançamos muito do que era, teve sim um grande avanço, mas que ainda falta muito mais.

P2: Acredito que não, ainda temos muito o que aprender, pois é um desafio, tanto com o aluno autismo, quanto com outras deficiências. E com os novos professores que estão se formando, deve se ter um novo olhar para a inclusão.

4.4 – Categoria 4 - Concepção do Autismo

O autismo afeta o indivíduo em diferentes graus e áreas como: interação social, comunicação e comportamento (LEMOS; SALOMÃO; AGRIPINO-RAMOS, 2014).

P1: O autista tem dificuldade de interagir socialmente com o grupo, dificuldade na linguagem, o comportamento é repetitivo e preferem ficar sozinhos.

P2: Os principais aspectos do aluno autista é a não continuidade de processos sociais, na conversação, dificuldades de comunicar por gestos, fala existente sem muito nexos, manias de repetições, olhos voltados para as mãos, dificuldade em respeitar regras e rotinas, entre outras a socialização e isolamento.

De acordo com suas experiências, ambas as entrevistadas dizem que os alunos têm dificuldade na socialização, preferem ficar sozinhos, tem comportamentos repetitivos e atrasos na fala.

Para salientar essa questão, Barbosa, et al., (2013) diz que o autista tem o comportamento voltado para si, para o seu próprio interior, como se não houvesse o mundo aqui fora. Tendo dificuldade em se relacionar e se comunicar com outras pessoas.

Neste sentido, as professoras relatam que:

P1: Não se deve ter contato com o autista sem que ele aceite esse tipo de contato.

P2: Não se pode deixá-los sozinhos, pois eles não tem noção de espaço e lateralidade, o que se torna perigoso para eles ou os deixam irritados.

É importante ressaltar que a falta de interação e ausência de respostas da criança autista, se deve pela falta de compreensão do que está sendo exigido dela. Por isso cabe ao professor inserir esse aluno em contato com as demais crianças, aos poucos inseri-los nas atividades em conjunto com os colegas de sala, mas sempre avisando anteriormente, para que essas atividades não o peguem de surpresa. Sendo assim o seu desenvolvimento não ajudará somente a si próprio, mas ajudará aos colegas de sala também, pois saberão lidar com as diferenças (OLIVEIRA, 2016).

O professor como mediador da inclusão, deve inserir este aluno no convívio social com os demais colegas, e que todo seu conhecimento sobre o autismo, seja usado para promover a consciência de atos inclusos, onde sua sensibilidade, carinho e serenidade promova uma forma melhor de aprender para o aluno incluso (BARBOSA, et al. 2013).

P1: Diz que é preciso colocar muito amor no que faz, não basta apenas se formar e achar que é mais um emprego. É necessário ter

amor pelos alunos, amor em ensinar e acima de tudo querer ensinar, se colocar no lugar da mãe daquele aluno, ou colocar o seu filho no lugar daquele aluno e pensar... como eu gostaria que tratassem meu filho? E assim tratar os alunos como se fossem seus filhos, porque professor é isso. Professor é dom! É vocação! Professor nunca deixa de estudar, nunca deixa de ler, ele estará sempre em constante aprendizagem. E é essa mensagem que deixo para vocês, estudem, se preparem e sejam professoras com amor.

P2: Também deixou sua mensagem, disse para todos os professores, tanto os que estão se formando, mas também aos que já são atuantes, que exerçam sua profissão com muito amor, carinho e dedicação, para que assim sejam especiais, não só para os ditos “não normais”, mas para todos os alunos, com deficiência ou não. Professor tem que ter um dom, tem que somar para o aluno, para sanar todas as angustias e anseios tanto do aluno, como de seus familiares.

A pessoa mais importante no processo de ensino aprendizagem do aluno autista é o professor, e para que ocorra a aprendizagem, o professor tem que estar disposto a ajudar o aluno, usando estratégias e elogios construtivos, que auxiliem os alunos a aprender e fazer as atividades, aonde o carinho e o apoio sejam aliados aos referidos resultados do aluno (MARCO, SPALATO, DUARTE, 2013).

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa realizada observa – se que a inclusão de alunos autistas em escolas de ensino regular ainda enfrenta muitas dificuldades, pois os professores não têm a formação necessária para lidar com os alunos inclusos. Embora elas atuem da melhor forma possível e sempre estão dispostas a transmitir seus conhecimentos, usando estratégias para que consigam inseri-los de fato na aprendizagem, o material adaptado e outros recursos necessários fazem falta para esta transmissão de aprendizado.

É necessário que os professores tenham uma formação adequada e especializada, com novos métodos educacionais, para que façam com que a inclusão realmente aconteça. Pode – se observar que as professoras entrevistadas sabem da necessidade da inclusão e de uma melhor formação, o que faz com que sempre estão procurando se atualizar, com artigos, vídeos e sempre em contato com a família, que é extremamente importante, embora a melhor maneira seja a especialização.

Com tantas dificuldades existentes, pode – se perceber que é possível existir a inclusão, desde que escola, profissionais, pais e sociedade estejam empenhados nesta causa e o professor como mediador da inclusão, fazendo com que os demais alunos entendam e respeitem as diferenças existentes. Pois inclusão não é colocar o aluno dentro da sala. Inclusão é inserir o aluno, onde existe a aprendizagem, e que ela vai adquirir os conhecimentos transmitidos.

A Inclusão só existe, quando a aprendizagem de fato acontece.

6- Referências bibliográficas

ALCANTARA, Sandra KELLY. FRIGHETTO, Alexandra Magalhães. **Autismo: Os benefícios da interação professor/aluno/família.**2018. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/viewFile/87/pdf> Acesso em: 23/05/2018

AMBRÓS, Danieli Martins. **O aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula: caracterização, legislação e inclusão.** 2018. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-3/completo-3.pdf> Acesso em 20/10/2018

BARBOSA, Amanda Magalhães, et al. **O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo.** 23 a 26/09/2013. 17f. II Seminário Internacional de representações sociais. Subjetividade e educação – SIRSSE. Pontifícia universidade católica do Paraná. Curitiba, 23 a 26/09/2013. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969_6165.pdf acesso em:17/04/2018

BORGES, Adriana Costa, et al. **Reflexões sobre a inclusão, a diversidade, o currículo e a formação de professores.** In: Anais do congresso multidisciplinar. Londrina, Paraná. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT01-2013/AT01-040.pdf> acesso em: 06/09/2018

BRASIL. 2010. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN.** Acrescentou art. 58. Brasília: Senado Federal, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 25/08/2018.

BRASIL. 2012. **Lei nº 12.764**, de dezembro de 2012. Regulamento Institui a Política Nacional de Proteção de Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: Casa Civil. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48333/lei-n-12-764-2012-direitos-da-pessoa-com-transtorno-do-espectro-autista> Acesso em: 19/07/2018

BRUNI, Ana Rita, et al. **Autismo e Realidade**. São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf acesso em: 06/09/2018

DIAS, Nadla dos Santos. **Autismo: estratégias de intervenção no desafio da inclusão no âmbito escolar, na perspectiva da análise do comportamento**.2017. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0423.pdf> Acesso em [12/03/2018](http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0423.pdf).

Home | APA DSM-5. **Developed by 2012 American Psychiatric Association**.Disponível em: <https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm> acesso em: 05/10/2018

LEMOS,Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádía Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar**. Revista Brasileira de educação. Marília, v.20, n.1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000100009 acesso em: 17/04/2018

LOPES, Juliana Crespo.**A formação de professores para a inclusão Escolar de estudantes autistas: contribuições Psicopedagógicas**.Brasília, 2011. Disponível em:

http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3523/1/2011_%20JulianaCrespoLopes.pdf acesso em: 10/08/2018

SOUSA, Maria Josiane Sousa de. **Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade**. Brasília. 2015. Disponível em:
http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15847/1/2015_MariaJosianeSousaDeSousa_tcc.pdf Acesso em: 10/11/2018

MARCO, Carmem Lydia da Silva Trunci.; SPALATO, Maria Helena Trunci Oliveira.; DUARTE, Viviane Rosalie. Estratégias Acadêmicas. BRUNI, Ana Rita. et al. **Cartilha Autismo e Educação**. São Paulo: 2013. Cap. 2, p. 24-44. Disponível em:
http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf Acesso em: 19/10/2018.

MATOS, S. N.; MENDES, E. G. **A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementação das políticas educacionais**. Práxis educacional. Vitoria da Conquista. V. 10, n. 16 Disponível em
<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/2889/2571> acesso em: 22/08/2018

MELLO, Ana Maria S. Ros de Mello. **Autismo: guia prático**. 7ª edição. São Paulo: Ama, 2007. Disponível em:
<https://mail.google.com/mail/u/0/#sent/QgrcJHrjCsNDpxSkdcKmpTtsznMIMqwPrFv?projector=1&messagePartId=0.1> Acesso em: 23/11/2018

NICOLAU, Paulo Fernando M.; ROCHA, Carolina A. M. **Psiquiatria Geral**. 2013. Disponível em: https://www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/dsm_iv.htm Acesso em: 17/09/2018

OLIVEIRA, Luciana Gonçalves de. **A educação de crianças Autistas: dificuldades e possibilidades.** 2016 Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2016/relatorios_pdf/ctch/EDU/EDU-Luciana_Oliveira.pdf Acesso em: 12/04/2018.

SANT'ANA, Izabella Mendes. **Educação Inclusiva: concepção de professores e diretores.** Psicologia em estudo, Maringá, v. 10, n. 2. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v10n2/v10n2a09> Acesso em: 23/08/2018.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. **Diagnosticando o transtorno autista: aspectos de fundamentais e considerações práticas.** Psicologia ciência e profissão, Ohio, EUA, 29, 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 26/03/2018

UCHÔA, Yasmim Figueiredo. **A Criança autista na educação Infantil: desafios e possibilidades na educação inclusiva.** Campina Grande. 2015 Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7959/1/PDF%20-%20Yasmim%20Figueiredo%20Uch%C3%B4a.pdf> acesso em: 13/05/2018

ZANON, Regina Basso. BACKES, Bárbara. BOSA, Cleonice Alves. **Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. Psicologia: teoria e pesquisa.** Brasília, v.30, n.1, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000100004 acesso em: 08/08/2018

Apêndice 1.

Termo de consentimento livre e esclarecido

Estamos realizando uma entrevista no qual nós iremos falar sobre a inclusão de alunos autistas. Sendo assim, o objetivo para esta entrevista é investigar a formação e a atuação do professor no processo de inclusão escolar com aluno autista. Participar desta entrevista é uma opção e no caso de não aceitar ou desistir fica assegurado que não haverá perda de qualquer benefício, pois sua pessoa será eticamente resguardada independente das informações dadas. Eu necessito gravar essa entrevista como forma fidedigna das informações que você pode me dar. Caso aceite participar desta entrevista gostaria que soubesse que:

- Sua participação estará restrita a realização de análise de uma entrevista na forma transcrita. Os resultados da pesquisa deverão ser apresentados em congressos, eventos científicos e em publicações, porém sem identificação de nomes ou identidades.

Eu, _____ portador do
RG _____ professora

_____ declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida entrevista e concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento sem que ocorra quaisquer prejuízos físico e mentais. Declaro ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos e procedimentos da entrevista.

Certa de poder contar com sua autorização, nós estamos à disposição para esclarecimentos, através do telefone (16) 99608-3553 Iara Aparecida Pereira de Macedo ou, telefone (16) 999628465 Larissa Estefani Rodrigues, discentes da Faculdade Santa Rita de Novo Horizonte – SP, ou (17) 996515057 falar com a professora Maraísa Fonseca Machado Pires.

_____	_____	_____
Maraísa F. Machado Pires	Iara	Larissa
Orientadora responsável pela		
Pesquisa.	Discente do curso de pedagogia.	Discente do curso de
	Da faculdade Santa Rita	pedagogia.
		Da faculdade Santa Rita

Autorizo,

Data: ____/____/____

Apêndice 2.

ENTREVISTA

Esta é uma entrevista que vamos falar sobre a inclusão de alunos autistas, cujo objetivo é investigar a formação e atuação do professor no processo de inclusão escolar com aluno autista. Acreditamos que pela sua experiência e vivência, você poderia auxiliar-nos. Você poderia dar uma entrevista sobre o assunto? Eu também necessitaria gravar essa entrevista como forma fidedigna das informações que você pode nos dar. Queria salientar que a sua pessoa será eticamente resguardada independente das informações dadas. Você, então, me permite gravar nossa conversa nesses termos?

Participante: professores das escolas.

Questões:

1. Quanto tempo você tem de experiência como professora?
2. E quanto tempo tem de experiência com alunos autistas?
3. Em sua concepção, quais os sinais observados em um aluno autista?
4. Quais cuidados exigem com um aluno autista?
5. Todo conteúdo proposto para a sua sala é oferecido para o aluno autista também?
6. Como ocorre a avaliação do aluno com autismo?
7. Que prática pedagógica você utiliza para promover a aprendizagem deste aluno em sala de aula? Descreva-as, por favor.
8. Explique como são os materiais oferecidos para o aluno com autismo na sala de aula.

9. Você recebe treinamento ou realiza algum curso sobre como trabalhar com alunos autistas? Explique.

10. Em sua opinião, você se sente capacitada para trabalhar com alunos autistas? Por que.

11. Você acha necessário mudar sua rotina e o plano de aula por ter um aluno autista? Explique.

12. Existe alguma pessoa que auxilia esse aluno na sala de aula? Qual sua formação?

13. Na sua opinião, a escola e os profissionais estão preparados para lidar com a inclusão de alunos com autismo?

14. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa para ajudar os novos profissionais desta área.